O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

PLANO AGRÍCOLA E PECUÁRIO DE 2016/17: FAÇAM AS CONTAS

EM NOSSA última edição, apontamos a direção que o governo Michel Temer tomaria na área econômica. Fizemos questão de frisar que, se Lula tivesse conseguido ser ministro-chefe da Casa Civil e Dilma permanecido no comando do governo do País, o ministro da Fazenda também seria Henrique Meirelles. E isso é o que realmente torna o Brasil uma jabuticaba.

Provavelmente, com Temer o ajuste fiscal será mais forte do que seria com Dilma. Talvez Lula conseguisse refazer a base parlamentar para aprovar as medidas necessárias no Congresso, mas não seria tarefa fácil, pois Dilma já estava indisposta com a Casa. Temer montou seu Ministério com Serra e Meirelles para fazer o barco navegar e escolheu o resto do time para manobrar o Congresso. No contexto atual, possivelmente, boa parte das medidas necessárias para recompor o equilíbrio fiscal será aprovada.

Ao final de 2016, haverá déficit primário e a economia ainda estará em recessão. Mas, é muito provável que a economia cresça em 2017 e que a situação fiscal se equilibre. A basilar reforma da previdência deve sair do papel, provavelmente sem mexer na idade mínima (questão de honra para as centrais sindicais), mas aumentando a aceleração da forma 85/95, com efeitos práticos muito parecidos com os de uma elevação da idade mínima. Um grupo de estudo com prazo curto para apresentar conclusão já está trabalhando.

As primeiras medidas anunciadas são tímidas e apenas buscam boa vontade. Será fundamental passarem as medidas mais importantes (como a reforma da previdência) pelo Congresso.

É sempre bom lembrar que, se o plano de Lula tivesse dado certo, medidas muito parecidas estariam sendo tomadas. Mas, infelizmente para ele e para o PT, muito tempo foi perdido, e o cavalo passou arreado, sem ninguém montar.

Os juros devem cair nos próximos doze meses, seguindo a queda da inflação. O câmbio, como temos repetido, vai oscilar entre R$ 3,50 e R$ 3,80 por dólar. O agronegócio será o menos prejudicado, graças à sua eficiência e ao câmbio adequado. Raros são os setores com problemas graves, como, por exemplo, a pecuária leiteira e o setor sucroalcooleiro.

Os últimos números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam mudanças importantes no mercado de trabalho das atividades agropecuárias: a população ocupada passou a encolher em linha com o restante da economia e o rendimento médio passou a encolher em uma intensidade ainda maior.

Para o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) de 2016/17, o Governo aumentou o crédito para custeio com juros controlados. No entanto, R$ 53 bilhões – 26% de todo volume de crédito – ainda terão como fonte as Letras de Crédito do Agronegócio (LCA), com juros de 12,75%. Apesar de mais elevada, esta taxa está abaixo das oferecidas pelo setor financeiro e, também, do retorno de algumas modalidades de investimento. Ou seja, mesmo com custo mais alto, ainda pode valer a pena para o produtor tomar o crédito e manter seu próprio dinheiro investido no banco.

O pacote de medidas do PAP configura a aplicação de uma política emergencial em tempo de crise econômica. O cenário é de recessão no mercado doméstico, preços de *commodities* em baixa, volatilidade cambial, inflação e juros elevados. Neste

cenário, muitos produtores deverão novamente adiar a decisão na tomada de empréstimos para investimentos em novas tecnologias. Nos últimos cinco anos, a área de grãos expandiu-se em 1,6 milhão de hectares, na média anual. A aposta, agora, é sobre a capacidade de crescimento na próxima temporada.

Na agricultura, o mercado conjuntural do milho vive um enorme paradoxo: apesar de o País possuir um grande excedente na produção, o quadro momentâneo é de grande crise de escassez, em especial na região Sul. Cercados de muita especulação, os preços alcançam a casa de R$ 50,00 a saca de 60 quilos, comprometendo os resultados, principalmente das criações de aves e suínos. A morosidade burocrática do Governo na liberação dos estoques oficiais não ajuda a amenizar essa situação, enquanto as cotações de produtos importados chegam mais em conta para abastecer a demanda nacional. A situação somente deve amenizar com a maior entrada do milho 2ª safra, no final deste semestre.

A Semana Mundial do Meio Ambiente é comemorada durante este mês. Trata-se de uma data instituída em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, ocorrida em Estocolmo, na Suécia. No Brasil, esta celebração foi instituída em 1981, por meio do Decreto nº 86.028, e sua finalidade é apoiar a participação da comunidade brasileira na preservação do patrimônio natural do nosso País. Nas últimas décadas, o Brasil consolidou sua posição de principal celeiro na produção mundial de alimentos. De forma atípica, é o único país que figura nesse seleto grupo que tem características tropicais.

Para fechar, a ***Agroanalysis*** traz o caderno especial do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV). Na base das suas ações, há a disseminação da seguinte mensagem: cada elo da cadeia agrícola deve fazer a sua parte para destinar corretamente as embalagens de defensivos agrícolas usadas nas plantações e manter limpos os campos brasileiros. Isso contribui para conscientizar e engajar agricultores, canais de distribuição, indústria fabricante e poder público no programa mais bem-sucedido do mundo em destinação deste tipo de embalagem: o Sistema Campo Limpo, em funcionamento desde 2002. Milhões de pessoas receberam seus recados sustentáveis por meio das mais diversas ferramentas, como campanhas em mídias impressa e digital, realização de eventos e utilização de redes sociais. ■

